



TRABALHO DOCENTE NA PANDEMIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DE REPORTAGENS EM MÍDIA DIGITAL

Lilian Dalbem de Souza Feuerharmel
UNISC - PPGEdu
Veridiana Limberger
UNISC – PPGEdu

Eixo III – Educação, Trabalho e Emancipação

O trabalho docente é caracterizado por diversas rotinas típicas de uma escola, com tempos e lugares bem determinados. A pandemia do Coronavírus, que tem como uma das medidas de controle sanitário a proibição de aglomeração, logo, o fechamento das escolas, alterou profundamente as relações humanas, inclusive o trabalho docente, que passou a ser realizado de casa, envolvendo novas formas de preparar as aulas e de interação entre professores e alunos, alterando também a relação de ensino-aprendizagem. Este trabalho buscou olhar os impactos do isolamento social no trabalho das/dos docentes de ensino básico, a partir da análise de reportagens e notícias. Costa (2011) assinala que “a reportagem é um gênero de natureza informativa”, apesar de ser esperado que apenas relate um fato, a reportagem tende “a revelar a intenção de certo veículo de comunicação ao publicar aquele assunto em um dado momento.” (Franceschini 2004 *apud* COSTA, 2011, p. 149).

Para ter um recorte deste impacto, pesquisamos as reportagens de mídia digital para perceber como o trabalho docente estava sendo representado, analisando-as à luz da bibliografia ligada às categorias de trabalho docente.

Utilizou-se a metodologia qualitativa de análise de conteúdo sobre as reportagens disponíveis *online*. A análise de conteúdo foi desenvolvida por Bardin em 1977 e conforme este autor (*apud* TRIVIÑOS, 1987, p. 60) consiste em “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” visando obter indicadores que “permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens”.

Para saber como o trabalho docente foi apresentado nas reportagens, a primeira etapa foi selecionar as palavras-chave de busca e lançá-las na barra de pesquisa do

navegador: “trabalho docente pandemia”, filtrar a aba *notícias* e determinar um período: entre 01/05/2020 a 30/09/2020. A data inicial foi escolhida por já ter passado cerca de um mês e meio do início do isolamento social e a data final por já terem sido implementadas muitas das alterações orientadas pelas secretarias de educação. Depois foram marcadas as opções: “ocultar duplicações” e “classificados por relevância”. Arbitrariamente, optamos por considerar até a página 15 do Google, totalizando 110 artigos/reportagens e após filtrar as que tratavam do trabalho docente de nível básico, restaram 25 reportagens. A base conceitual para a análise das informações é composta por autoras e autores estudados no Seminário Trabalho Docente, Classe e Gênero.

Daquele recorte observamos que, de maneira geral, as reportagens que se ligam ao trabalho docente apontaram para três questões principais: a dificuldade dos professores com as aulas remotas, o aumento de horas de trabalho e o estresse e ansiedade experimentados. A maior parte aborda a sobrecarga do trabalho docente. Houve uma ocorrência de reportagem que abordou a questão de gênero e uma de assédio moral por parte da Secretaria de Educação.

A abordagem das notícias quanto às aulas remotas aponta para duas direções: a desqualificação das docentes (10 reportagens) e a criatividade individual para superar as dificuldades (03 reportagens). Ao abordar a comparação de qualificação entre profissionais, Rizek e Leite (*apud* DURÃES, 2012, p. 275) argumentam que se deve considerar as diferenças econômica e sociais destas trabalhadoras, suas condições de gênero e geracional. Este último aspecto é fundamental ser considerado ao abordar a familiaridade com os meios digitais. Se a qualificação pode ser compreendida como o resultado de interações sociais (DURÃES, 2012), a dificuldade para utilizar o digital de forma alguma representa desqualificação docente. Apenas que uma nova demanda foi de repente exigida, e como apontam os resultados de pesquisa e reportagens, a sobrecarga do trabalho docente vem também de tentar suprir essa lacuna do analfabeto digital, para que os estudantes tenham acesso ao ensino escolar. Salienta-se ainda que, sobre a utilização de mídias digitais pela educação muitas vezes isso se resumiu a instruir os estudantes a fazer pesquisa na internet. A modalidade do ensino a distância não era um assunto que rondava a prática no ensino básico.

Talvez possamos enquadrar as professoras que sabem trabalhar com a educação a distância aos conhecimentos não relacionados com a sua formação, mas sim correspondendo “às trajetórias profissional e de vida, uma vez que certas experiências ou

disposições requeridas para a realização do trabalho não estão diretamente relacionadas somente à formação profissional e/ou escolar” (DURÃES, 2012, p. 275).

Como mostram as reportagens que falam da sobrecarga do trabalho em tempo de pandemia, a necessidade de aprender a lidar com os recursos tecnológicos fez com que muitas docentes se esforçassem para se adequar às novas exigências escolares, incorporando novos saberes às suas práticas. Como descreve Durães (2012), a qualificação do trabalho docente se condiciona, entre outros elementos, a fatores externos à escola; neste caso, a uma pandemia.

Uma das características do trabalho docente de nível básico é o envelhecimento destas trabalhadoras. O Censo Escolar 2017 (MEC/INEP, 2018 *apud* Viegas, 2020), mostrou que 52,2% das professoras da Educação Básica possuem mais de 40 anos de idade. Viegas (2020) reafirma esse argumento no resultado de sua pesquisa realizada no Vale do Rio Pardo, em que aponta um alto índice de docentes com idades acima de 35 anos de idade – somente cerca de 22% das entrevistadas tinham menos de 35 anos. Considerando que quase 35 % tinham mais de 45 anos, é compreensível a dificuldade que muitas professoras tiveram com essa realidade de aula virtual.

A forma de comunicação das notícias pode induzir a conclusões precipitadas: o Instituto Península realizou uma pesquisa com docentes de todo país sobre o trabalho na pandemia. Diversos jornais/sites utilizaram esses dados para suas reportagens. A forma como a revista *Época* (2020) expôs a pesquisa diz muito: “83% dos professores não estão preparados para ensinar online. E são eles que dizem isso”. A forma de escrever a informação parece querer desqualificar as docentes. Quantos elementos envolvem estar preparado/a para algo?

A sobrecarga do trabalho docente, especialmente de professoras do nível básico, é assunto já bastante conhecido e envolve diversos fatores como carga horária, número de escolas em que trabalha, tempo de hora-atividade (muitas vezes incompatível com a realidade, obrigando as docentes a levar trabalho para casa). A pandemia acentuou esta sobrecarga em três aspectos principais: 1) o tempo dedicado pelas professoras para aprender a utilizar os recursos digitais; 2) modificar os planos de aula para que sejam adequados ao ensino remoto e 3) a união do lar com o trabalho.

Em reportagem do *El País*, a diretora do Instituto Península, Heloísa Morel explica em parte essa situação: “Eles tiveram que transformar toda a sua rotina, em jornadas duplas ou até triplas, se somarmos os trabalhos domésticos e a educação em casa dos próprios filhos” (OLIVEIRA, 2020).

O trabalho docente se junta com o de dona de casa/mãe/pai, múltiplas tarefas num mesmo espaço, necessitando reorganizar a rotina diária, dando conta de todas as responsabilidades ao mesmo tempo. Essa sobrecarga e alteração radical na lógica casa (privado) x trabalho (público) está gerando grande desgaste emocional e estresse. A reportagem do Brasil de Fato escreve que não existe “a separação do momento em que se está trabalhando e o momento em que se tem para suas necessidades pessoais” (AQUINO, 2020). Falta uma padronização, um *pattern*, como cita Tardif e Lessard (2009), que é o reconhecimento do seu espaço e tempo de trabalho, aquilo que traz a estabilidade necessária para a atuação ocorrer. Com a inexistência do *pattern* e a falta de acolhimento da classe docente nesse momento de mudanças extremas, causam uma situação de angústia permanente que leva à precarização do trabalho.

Dentro do âmbito da saúde mental, podemos identificar a partir das reportagens inúmeros fatores de risco ao adoecimento dos professores como: insegurança diante da atuação num novo formato de escola e uso das tecnologias necessárias, sobrecarga de trabalho que se dá pelo trabalho em casa, associado a todas as tarefas domésticas, pressão por produtividade, preocupação com o não aprendizado.

As relações entre a dificuldade de adaptação ao meio digital, sobrecarga de trabalho e a sensação de angústia são características que se entrelaçam e se reforçam, proporcionando sofrimento psíquico e não acolhimento à classe docente, num momento de dificuldade e grandes mudanças no ensino.

O apanhado de reportagens demonstra a dificuldade enfrentada pelas docentes. Salienta-se que a forma como foram escritas algumas manchetes das notícias acabam reforçando o estereótipo de professoras pouco ou mal qualificadas para para o exercício de suas funções. Considerando o papel da mídia na formação de opinião pública, este tipo de abordagem, com os enunciados utilizados, não favorece uma discussão mais ampla em relação ao reconhecimento do trabalho docente. Pelo contrário, apresenta certo descrédito e culpabilização às docentes. A esta altura da situação, as escolas e professoras já estão mais íntimos das novas demandas para utilização da tecnologia, mas a este aspecto praticamente não houve muita atenção.

A pandemia, além de todo o sentimento de insegurança que proporcionou pelo medo do contágio, adoecimento, perda de entes queridos, emprego e renda, traz consigo uma série de dificuldades diretamente relacionada às alterações na rotina de trabalho das docentes, as quais tiveram que se recriar para uma estrutura totalmente diferente da sala

de aula, sem o apoio necessário por parte dos governos, nem a capacitação necessária para o trabalho com as tecnologias.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho docente; pandemia, análise de reportagens.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Celso. **Aulas à distância em tempos de quarentena trazem desafios para professores e alunos.** [s. l.], 2020. Brasil de Fato. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/04/aulas-a-distancia-em-tempos-de-quarentena-trazem-desafios-para-professores-e-alunos>. Acesso em: 6 ago. 2020.

COSTA, Bianca Ribeiro Morais. Os gêneros jornalísticos no ambiente virtual: reportagem, notícia e artigo de opinião. **Revista PLURAIIS**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 147–159, 2011. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/230322531.pdf>. Acesso em: 27 out. 2020.

DURÃES, Sarah Jane Alves. Sobre Algumas Relações Entre Qualificação, Trabalho Docente e Gênero. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 118, p. 271–288, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302012000100017&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 1 set. 2020.

ÉPOCA. **Oito em cada dez professores não se sentem preparados para ensinar online.** [s. l.], 2020. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2020/05/epoca-negocios-oito-em-cada-dez-professores-nao-se-sentem-preparados-para-ensinar-online.html%0A>. Acesso em: 6 out. 2020.

OLIVEIRA, Joana. **Em meio à rotina de aulas remotas, professores relatam ansiedade e sobrecarga de trabalho.** [s. l.], 2020. El País. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-21/em-meio-a-rotina-de-aulas-remotas-professores-relatam-ansiedade-sobrecarga-de-trabalho.html%0A>. Acesso em: 6 out. 2020.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. Os trabalhos e os dias. *In: O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.* Petrópolis: Vozes, 2009. p. 163–194.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em ação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VIEGAS, Moacir Fernando. Condições de trabalho e saúde dos trabalhadores docentes das escolas públicas do Vale do Rio Pardo (RS). *In: Estudos e reflexões sobre trabalho, educação e saúde.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2020. p. 259–286.